

EM BUSCA DOS ELOS PERDIDOS! Traços africanos em Uberaba (MG)

Valter Machado da Fonseca
Carmen Lucia Ferreira

RESUMO: Este texto nasce das reflexões extraídas de curso ministrado na UFU pelo Professor Carlos Rodrigues Brandão, somadas a uma pesquisa documental e entrevista semiestruturada realizada pelos autores acerca dos traços da cultura africana, na cidade de Uberaba (MG). O problema central desta pesquisa é realizar uma análise acerca da forte presença da etnia africana nos hábitos, costumes, crenças, no município de Uberaba. A pesquisa aponta importantes marcas culturais de raízes africanas que auxiliam, sobremaneira, na formação cultural e aspectos históricos que definem a identidade cultural da população de Uberaba.

Palavras-Chave: Cultura Popular – África – Uberaba (MG)

1. Introdução

A riqueza das aulas do Prof. Brandão e dos debates e diálogos delas advindos inspiraram o registro destas reflexões que podem vir a ser pontos de partida para professores, pesquisadores, estudantes e militantes das causas populares, em estudos sobre os inúmeros significados, formas de expressão e manifestações das diversas formas de cultura de raízes populares, em especial no município de Uberaba (MG).

A cidade de Uberaba e sua microrregião nos inspiraram devido ao fato da existência de famílias representantes da oligarquia rural brasileira que, à primeira vista, parecem ser hegemônicas na região, ou seja, parece que sua presença camufla a existência de quaisquer formas de culturas emanadas diretamente do povo simples e/ou de suas raízes. Este fato, aparentemente consolidado, cai por terra diante das inúmeras e ricas informações originadas do trabalho e das pesquisas do Prof. João Eurípedes de Araújo. Assim, nas conversas com o Prof. João Araújo, as raízes culturais africanas da microrregião de Uberaba começaram a brotar do mesmo solo regado com o mesmo sangue dos antepassados africanos que edificaram esta nação e consolidaram sua riqueza. E, são dessas raízes que brotam da história regional que construímos este trabalho.

2. Cultura: um conceito / “não conceito” que se cristaliza e se dissolve!!!

Terry Eagleton (2005, p.184) faz uma importante reflexão acerca do significado de cultura:

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último, para a maioria de nós, do que cartas de direitos inumanos ou tratados de comércio. No entanto, a cultura pode ficar também desconfortavelmente próxima demais. Essa própria intimidade pode tornar-se mórbida e obsessiva a menos que seja colocada em um contexto político esclarecido, um contexto que possa temperar essas imediações com afiliações mais abstratas, mas também de certa forma mais generosas.

A afirmação de Eagleton, acima, pressupõe que para se estabelecer uma ideia sobre os significados e importância da cultura, torna-se necessária uma série de cautelas contextuais, de tal forma que esta significação não seja banalizada, nem tampouco superestimada. Para tanto ela precisa de uma explicitação política, que identifique com clareza o contexto onde esta cultura se insere. Portanto, partindo da afirmativa de Eagleton (2005) podemos sugerir que atribuir um significado à cultura pressupõe, acima de tudo, possuir a capacidade de identificá-la dentro de um contexto político, histórico e cultural. Então, a ideia de cultura não pode ser formada a partir de valores individuais e/ou coletivos isolados, desatrelados de um contexto político e social.

O Prof. Carlos Brandão afirma que “talvez o dia em que chegarmos a um consenso, uma unanimidade acerca de um consenso dogmático, definitivo e irrefutável sobre o conceito de cultura, neste dia, ela deixará de ser importante e, conseqüentemente, seu estudo também não será mais significativo”. (BRANDÃO, 2ª aula, 2011).

Num primeiro momento, esta afirmação nos intrigou. Mas, a complexidade da simplicidade de tal afirmação é que a faz genial. Bem adiante, no decorrer da aula é que fomos apreendendo o significado da essência da frase. A cultura deve ser entendida como um processo *espontâneo e livre*, localizado dentro de um dado contexto. Assim, ela deve ser percebida dentro de uma dimensão de uma construção livre, sem amarras a nenhum método formal, pois ela brota, exatamente, do imaginário do povo que expressa seu modo de vida isento de métodos rígidos, de controle político e de poder. Observada deste ponto de vista a cultura nega os conceitos formais, metódicos, amarrados a predefinições dogmáticas, irreversíveis e imutáveis.

Nesta direção interpretativa podemos, então, aceitar que o conceito de cultura é relativo, dependendo do tipo da espontaneidade do processo que a originou, do contexto histórico-social no qual ela se insere e, ainda, do ponto de vista de quem a examina. Nós nunca vamos conseguir observar uma cultura de determinado povo ou grupo social, do mesmo ângulo e com os mesmos olhos daqueles que a construíram dentro de um processo espontâneo e em determinado contexto histórico-social, do qual não participamos.

Assim, talvez seja útil nos valermos de uma “noção” e não de um “conceito” de cultura, uma noção que possa nos orientar em nossas elaborações e que não esteja atrelado a normas e padrões conceituais rígidos e predefinidos. Talvez seja válido partir da noção de que a cultura seja algo que se origina de um processo espontâneo e livre, inserido num contexto histórico-social e que expressa os valores, crenças, fé, religiosidades, modos de vida, concepções de vida, de mundo e de natureza e que não é estático, ao contrário, se movimenta conforme se movimentam os elementos e aspectos determinados pela constante evolução do contexto sociocultural que a originou, em conformidade com as transformações das concepções e posicionamentos diante do mundo e seus elementos, daqueles que a construíram e/ou de seus descendentes. Assim, podemos crer que a cultura não é algo acabado, estático, dogmático e definitivo, mas, ao contrário, é algo que está sempre em movimento, em conformidade com as transformações históricas e sociais do contexto no qual ela se insere.

A partir dessa noção construída dentro de uma concepção de transformações contextuais, de movimentos advindos da própria experiência de vida dos sujeitos que vivem dentro de um contexto histórico e social, que agem para transformar o coletivo como também para autotransformarem-se, devemos, a partir desses movimentos, compreender que a cultura está sujeita a mudanças. Laraia (2008) elabora sobre as mudanças culturais:

Podemos afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro. No primeiro caso, a mudança pode ser lenta, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos. [...] O segundo caso pode ser mais rápido e brusco. No caso dos índios brasileiros, representou uma verdadeira catástrofe. Mas, também, pode ser um processo menos radical, onde a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas. [...] É praticamente impossível imaginar um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. Isto só seria possível no caso, quase absurdo,

de um povo totalmente isolado dos demais. (LARAIA, 2008, p.96-97, passim).

Ao estudarmos as raízes africanas, interessa-nos, em particular, o segundo caso, pois, a cultura africana no Brasil, foi resultado de um processo de imposição da cultura ocidental sobre as comunidades nativas das nações das Américas do Sul e Central, em particular, na época das grandes empresas coloniais luso-hispânicas sobre os povos nativos americanos. Trata-se, assim de um choque entre elementos, valores e aspectos de culturas radicalmente diferenciadas entre si.

2. Quais são as culturas socialmente válidas?

Os estudos e pesquisas mais significativos para a Antropologia como ciência investigativa da cultura humana, até há pouco tempo eram voltados para a compreensão da cultura e dos fenômenos culturais a partir da interpretação histórico-antropológica sob o prisma das elites detentoras do poder político e econômico. Ou seja, a maioria dos estudos históricos e antropológicos acerca da cultura das sociedades ou grupos humanos era interpretada sob a visão de uma elite intelectualizada.

Peter Burke (2003, p.33) afirma que “a maioria dos estudos sobre o conhecimento se ocupa do conhecimento das elites, ao passo que os estudos de cultura popular têm relativamente pouco a dizer sobre seu elemento cognitivo, o conhecimento popular ou cotidiano”. De fato, o conhecimento considerado válido é aquele que serve para legitimar a lógica do chamado “progresso”, arduamente defendido pelas elites, em cada período da história da humanidade.

Nessa perspectiva, a história da cultura africana no Brasil foi contada, até bem pouco tempo, pelas elites intelectualizadas que tinham o papel de contar a história do Brasil, da ocupação e delimitação das fronteiras de seu território, isto é, a história oficial do país era reinventada pelas elites intelectuais representantes das ideias de civilização da sociedade ocidental. Mesmo após a dita “abolição” da escravatura, a história continuava a ser inventada pela elite política e econômica do país. Aos setores populares eram negados o direito de opinar sobre sua própria história e sua própria cultura.

2. Uma tentativa de localização das raízes da cultura africana em Uberaba.

Como foi dito no início do texto, este trabalho busca compreender o lugar das raízes da cultura africana no município de Uberaba (MG). Apesar de diversas manifestações culturais estarem visíveis nas ruas e praças da cidade, elas parecem

desprovidas de significação objetiva, talvez por falta de maiores interesses em estudá-las, ou talvez mesmo de forma proposital, como se a história de Uberaba tivesse passado ao largo dos acontecimentos que marcaram a história do Brasil, o que entendemos como uma inverdade. Esta pesquisa, embora ainda superficial, junto ao Arquivo Público de Uberaba, traz à luz, acontecimentos e fatos importantes que podem auxiliar a escavar a realidade da história da cultura africana em Uberaba.

Para iniciar este tópico recorreremos a uma citação do Prof. Carlos Brandão (2007) na introdução de sua obra “Os Deuses do Povo”:

Talvez a melhor maneira de se compreender a *cultura popular* seja estudar a *religião*. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais que em outros setores de produção de modos sociais da vida e de seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o *domínio* erudito dos dominantes e o *domínio* popular dos subalternos. (BRANDÃO, 2007, p.19). (Grifos do original)

Concordando com Brandão (2007), observamos uma grande pluralidade de manifestações culturais de origem africana em Uberaba, cujos rituais são de cunho basicamente religioso. Destacam-se os ternos de Congo, Moçambique, os Afoxés, a Umbanda, o Candomblé, dentre outras manifestações culturais de cunho religioso. É importante ainda relatar que estas manifestações são marcadas, fundamentalmente, por símbolos que misturam elementos, imagens e desenhos que destacam aspectos da religião católica em profusão com aspectos da cultura afro. Então, as manifestações culturais africanas são marcadas por um forte sincretismo religioso. O Prof. João Eurípedes de Araújo nos diz em seu depoimento que:

Sou filho da Babalorixá Marlene de Ogum Já. Meu pai já era mais um médium kardecista. Daí, pode-se ver que nasci dentro da coisa. As culturas de matrizes africanas, em sua maioria, vêm do aprendizado com os mais velhos. Vivendo e ouvindo os mais velhos, vamos aprendendo, através da oralidade, não esquecendo os estudos, as leituras e dando sentido a uma série de coisas. (ARAÚJO, 2011, depoimento concedido ao autor)

O depoimento do Prof. João de Araújo vem ilustrar uma formulação do Prof. Brandão (2004) que nos diz que;

O Espiritismo Kardecista, a Umbanda e o Candomblé são as três religiões mediúnicas e de possessão mais difundidas e melhor conhecidas no Brasil. Da primeira à terceira, elas fazem imperfeitamente o trajeto do mais “Erudito” ao mais popular, do mais escrito ao mais oral, do mais eticamente branco, ao mais negro da maior autoproclamada proximidade íntima do Cristianismo, ao mais distanciado, pelo menos do ponto de vista de uma

doutrina confessional explícita. Mas elas não são as únicas. Sabemos que desde diferentes origens africanas e desde o período histórico da escravidão na colônia e, depois, no Império do Brasil, recriam-se em todas as regiões geográficas diversos sistemas de tradição afro-brasileira. Tal como acontece entre as tradições de confissão cristã, elas reclamam o direito às suas identidades peculiares. De outra parte, um interesse primeiro acadêmico e, depois, pessoal pelos sistemas religiosos afro-brasileiros de parte de um número crescente de estudiosos brasileiros e estrangeiros, acabou por atribuir a essas religiões uma aura de respeitabilidade antes inexistente. Deve ser acrescido a isto, o fato de que, sobretudo, o Candomblé tem sido associado de maneira crescente aos diferentes movimentos sociais de etnia negra no Brasil. (BRANDÃO, 2004, p. 267).

Estas características e aspectos peculiares dessas manifestações religiosas são perfeitamente verificáveis nas expressões públicas dessas religiões em Uberaba. No último período histórico, em especial, os ritos africanos, especialmente a Umbanda e o Candomblé tem ganhado grande notoriedade. No mesmo passo e ritmo vivenciamos um controle crescente por parte do poder público sobre a organização dessas expressões da religiosidade da cultura de raízes afro em Uberaba. Perguntado sobre esta questão, o Prof. João de Araújo nos disse que;

A cultura africana e os diferentes tipos de manifestações culturais locais lutam para sobreviver. O poder público “colabora”, querendo os votos dos grupos. Os falsos líderes da “Comunidade Negra” querem cargos públicos ou abrir caminho para tornarem-se vereadores. Aqueles que acreditam e levam a sério essas manifestações culturais é que carregam o fardo pesado e fazem com que elas permaneçam vivas. (ARAÚJO, 2011, depoimento gentilmente concedido ao autor)

Mas, o fato é que existe uma tendência na sociedade capitalista em transformar tudo em mercadoria a serviço do mercado de consumo. A ingestão do Estado sobre as manifestações populares não é exclusividade nem privilégio de Uberaba. Aqui, talvez seja importante um recorte do texto de Marilena Chauí que elabora com muita lucidez acerca desta questão:

Se examinarmos o modo como o Estado opera no Brasil, podemos dizer que, no tratamento da cultura, sua tendência é antidemocrática. Não porque o Estado é ocupado por este ou aquele grupo dirigente, mas pelo modo mesmo como o Estado visa a cultura. Tradicionalmente, procura capturar toda a criação da cultura sob o pretexto de ampliar o campo cultural público, transformando a criação social em cultura oficial, para fazê-la operar como doutrina e irradiá-la para toda a sociedade. (CHAUI, 2006, p. 134) (Grifo do original)

Esta é uma tendência do denominado “Estado moderno” em se apropriar das diversas formas de expressão do povo. Ele tenta repassar a ideia de “abertura às ideias

do povo”, de “igualdade de oportunidades de espaços de cidadania e criação cultural”. Na medida em que ele se apropria das produções culturais, ele cria todas as condições efetivas para o controle destas criações, institucionalizando-as e colocando-as sob as rédeas do mercado de capitais.

4. A cultura africana em Uberaba e o significado do dia 13 de maio

Para ensaiarmos algumas considerações a respeito do “13 de maio”, faz-se importante lançarmos o olhar sobre a construção do significado da tão proclamada “abolição da escravatura” pelos historiadores oficiais. O significado desta data tem sido amplamente debatido em diversas frentes dos vários movimentos que se reivindicam da cultural popular de raízes africanas no Brasil, em especial o Movimento Negro Unificado (MNU).

Ao contrário do que divulga a nossa história, a “Lei Áurea” foi a única solução encontrada para a saída honrosa dos “Barões do Café”, da oligarquia rural oriunda dos “Senhores de Engenhos” e dos latifundiários, da enrascada política em que se meteram perante o movimento abolicionista mundial e até mesmo dentro do país. Então, a Monarquia portuguesa, em crise, libertou, por intermédio da promulgação da “Lei Áurea”, não os afrodescendentes, mas sim os representantes da oligarquia rural e dos “Barões do Café” no Brasil. Mas e os negros? O que ganharam com isso? Nada! Absolutamente nada! Aliás, a escravidão já dava seus últimos suspiros no Brasil; a abolição se consolidaria pela própria força da resistência negra e do movimento abolicionista. Isto significaria a derrota da monarquia e a vitória da resistência negra. Então, para eles [os negros] o que restou foi o abandono à própria sorte.

A historiografia oficial do Brasil é repleta de distorções e falsificações, pois, foi narrada e escrita segundo os interesses das oligarquias rurais, dos agentes da Coroa Portuguesa e das famílias abastadas estrangeiras que tinham projetos políticos e econômicos para o país. Assim, o dia 13 de maio constitui-se em mais uma falácia montada pelos agentes do Império Português em consonância com os “Barões do Café”.

Em que pese as questões ligadas à disputa pelo controle político das manifestações culturais de raízes africanas no país, essas comemorações continuam a ser importantes, principalmente pelo acervo riquíssimo de simbologias, representações,

rituais, danças, instrumentos e musicalidade que nos fazem refletir sobre essas raízes no país.

5. O poder do imaginário: entre ritos, rainhas, reis e simbologias!

Ao pensarmos na história da escravidão dos povos africanos no Brasil, temos a impressão que, mesmo com a resistência negra simbolizada pelos diversos quilombos, até certo ponto temos a sensação de uma submissão dos negros em relação aos desmandos do Império ocidental e seus representantes em terras brasileiras. Quando analisamos a situação da escravidão em outras partes do planeta [como a segregação nos EUA ou mesmo o Apartheid na África do Sul] percebemos que a resistência negra partiu para o confronto aberto, franco, chegando mesmo a confrontos sangrentos.

Entretanto, quando observamos a história da escravidão no Brasil parece que existe certa lacuna que impede a explicitação clara e definitiva da relação entre escravagistas e escravizados. Isto talvez ocorra em função de uma falsificação ou manipulação histórica, fato muito corriqueiro na historiografia oficial brasileira. No entanto, observamos também que o homem branco, machista e ocidental parece ter muito mais informações acerca deste processo de escravização do que os próprios afrodescendentes. Aqui vale destacar mais uma contribuição do Prof. Carlos Brandão e que foi fruto de seus estudos sobre os negros de Goiás:

Independentemente da posição ocupada nos sistemas de trabalho da roça e da cidade, o negro se explica segundo o modo como é reconhecido pelo branco: como uma categoria minoritária, cuja presença precisa ser explicada. Ao definir-se, consegue reunir os atributos de um trabalhador explorado e digno de confiança com os de uma categoria étnica naturalmente desvalorizada. Identificando-se como trabalhador e preto, divide-se entre qualidades positivas e negativas. De um lado, indiscutivelmente, não há trabalhadores braçais, especializados ou não, melhor qualificados e mais produtivos em Goiás do que os pretos. De outra parte, ser preto é uma variante empobrecida de uma forma idealizada de ser gente, a maneira de ser e viver dos brancos da cidade. Sabemos que o tempo do cativo não frequenta o discurso do negro com a mesma intensidade de detalhes com que está presente no dos brancos. O branco fala de um negro escravo: puro e altivo como raça; um sujeito individual e coletivo, dócil e servil como trabalhador. Para o negro, as qualidades da raça são omitidas. Mesmo a origem dos escravos, base de uma caracterização de ser preto subjacente à ideia de ser africano, é quase sempre vaga e indefinida. (BRANDÃO, 2009, p.62)

A contribuição de Brandão (2009) permite entender, até certo ponto, esta lacuna dificultadora do entendimento entre o branco (patrão) da época da escravidão e o negro (escravo).

Mas, se por um ângulo conseguimos ver o lado submisso e dócil do negro em seu próprio discurso sobre si mesmo, um olhar mais apurado sobre suas simbologias e rituais nos permite apontar para uma direção diversa, apesar de mascarada pelos traços fortes de sincretismo religioso. É como se, os traços de sua cultura falassem aquilo que o seu próprio discurso omite, consciente ou inconscientemente. Para fortalecer este indício voltamos ao depoimento de João de Araújo:

Se pegarmos como exemplo a Congada, ela e outras culturas de matriz africana, em Uberaba, são realizadas por gente “simples”, “pobres”, muitas vezes, um General de Congo, engole sapo do patrão, humilhação o ano inteiro, mas na festa de Nossa senhora do Rosário, ou no dia 13 de Maio, ele é general e congo, sente orgulho em colocar sua farda, embainhar sua espada, dançar e cantar, muitas vezes satirizando algo ou alguém, mas que só eles compreendem. Muitas vezes, os ritos, símbolos e códigos estão interligados com religiões de matriz africana. (ARAUJO, 2011, depoimento concedido ao autor)

Pelas contribuições de Brandão (2009); Araujo (2011) pode-se verificar que, ao que tudo indica, o discurso dos afrodescendentes no cotidiano expressa certo conformismo, que vem em forma de poder simbólico quando investigado em suas cerimônias, rituais e celebrações. À primeira vista, parece que a mística de seus rituais sacros possuem o poder de fazer com que façam a viagem de retorno a suas origens africanas, quando eram reis, rainhas, príncipes e princesas, legítimos representantes de diferentes tribos que compunham um povo altivo e orgulhoso de suas origens.

5.1 Os Orixás, mitos, símbolos, indumentárias e sincretismo religioso!

As pesquisas realizadas em alguns materiais do Arquivo Público de Uberaba nos dão uma ideia da profusão de símbolos, elementos e representações presentes nos cerimoniais populares de matriz africana no município. Pela quantidade de símbolos existentes nos cultos, rituais, celebrações, percebemos a magia e a força existentes nessas *manifestações religiosas de raízes africanas em Uberaba*.

Apesar de todos os aspectos e elementos que incidem sobre a cultura de origem africana, visando, talvez, à sua desconstrução ou a seu controle, ela resiste, bravamente,

até os dias atuais. Podemos verificar esta constatação pela grande quantidade de ternos de Congo, Congadas e Moçambiques existentes e que resistem ao tempo. Essas celebrações tem influência nos hábitos, costumes locais, culinária a até mesmo na língua falada e escrita. Estas características não estão presentes somente em Uberaba, mas em quase todos os locais que tiveram alguma relação com a presença da cultura africana desde os tempos do Império Português, o que se constituiu num fenômeno nacional.

Retornamos aos depoimentos do Prof. João de Araujo, pois suas falas explicam, com muito mais propriedade estas manifestações de cunho cultural-religioso:

Cultura, desenvolvimento intelectual, saber, que é complexo e vasto. Onde há a presença do ser humano, existe cultura, cada qual com suas particularidades, tradições, ritos, crenças, dentro do seu grau de desenvolvimento.

Segundo o Padre Antonil, em seu livro **Cultura e Opulência no Brasil por suas Drogas e Minas**, “[...] Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porquê sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente [...]”. A cultura dos meus antepassados está aí, está viva e atuante. É lógico que o tempo transforma tudo, mas o Candomblé, a culinária, a Umbanda, os congados, a axé na Bahia, enfim, onde há cultura, no Brasil, percebe-se a influência africana. Então estamos totalmente presentes na identidade do povo brasileiro.

[...] No Arquivo Público há inventários datados de 1815 que registram a presença de escravos na cidade e na roça e esses escravos trouxeram e mantiveram suas variadas expressões culturais.

Se formos pensar em relação ao Candomblé, está tudo interligado. Os Babalorixás de Uberaba, seus pais de santo estão na Bahia, Rio, São Paulo, Nordeste, Norte, etc. Devemos é considerar a seriedade dessas pessoas. Já em relação à Congada, as Irmandades estão presentes desde a escravidão. As comemorações de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e da Abolição acontecem em quase todo o Brasil. (ARAUJO, 2011, depoimentos gentilmente concedidos ao autor em entrevista)

6. (In) Conclusões! Considerações e Reflexões Parciais!

Como foi afirmado no início deste texto, ele consiste num estudo embasado em pesquisas bibliográficas das obras de estudiosos sobre a temática em discussão, em materiais do Arquivo Público de Uberaba e, em importantes depoimentos gentilmente concedidos sob a forma de entrevista pelo Prof. João Eurípedes de Araujo (funcionário do Arquivo Público de Uberaba).

Pela pesquisa, percebem-se diversos aspectos e abordagens construídas ao longo da história do município de Uberaba acerca da presença da cultura de origem africana no município e contada por pesquisadores do Arquivo Público e membros de grupos

culturais afrodescendentes locais ligados à cultura africana. Embora seja um trabalho que não escavou com profundidade a realidade histórica da cultura negra na cidade, ele aponta no sentido da necessidade de um aprofundamento mais consistente e conclusivo sobre o assunto.

Apesar de todas as considerações elencadas ao longo do texto, fica a impressão que a história da relação entre brancos e negros em Uberaba apresenta diversas lacunas que precisam ser preenchidas e diversas indagações que precisam ser respondidas. Mas, como um estudo inicial, acreditamos que ele cumpriu seu objetivo. Apontou diversos elementos, indícios e aspectos que mostram a riqueza da cultura africana no município de Uberaba. Uma cultura que persiste em ficar na memória e no imaginário de negros e brancos. Uma cultura que existe, resiste e (re) existe!

A pesquisa apontou a necessidade de se realizar um estudo sobre diversos aspectos que caracterizam a cultura como o resultado das “experiências de vida” humanas ao longo da história das sociedades (ou das civilizações). Para ilustrar essas reflexões parciais, consideramos importante uma riquíssima contribuição de Claude Lévi-Strauss sobre a presença da cultura humana na Terra:

[...] O mundo começou sem o homem e se concluirá sem ele. As instituições, os usos e os costumes, que terei passado minha vida a inventariar e a compreender, são uma eflorescência passageira de uma criação em relação à qual possuem o único sentido de permitir à humanidade desempenhar o seu papel. Longe de esse papel determinar-lhe um lugar independente, e ser o esforço do homem – mesmo condenado – o de se opor inutilmente a uma decadência universal, este mesmo homem aparece como uma máquina, talvez mais aperfeiçoada do que outras, trabalhando para a desagregação de uma ordem original e precipitando uma matéria organizada de forma poderosa numa inércia cada vez maior e que um dia será definitivo. Desde que começou a respirar e a se alimentar, até a invenção dos engenhos atômicos e termonucleares, passando pela descoberta do fogo – salvo quando ele próprio se reproduz –, a única coisa que o homem fez foi dissociar tranquilamente bilhões de estruturas, para reduzi-las a um estado em que não são mais capazes de integração. [...] como o indivíduo não está sozinho no grupo e cada sociedade não está sozinha entre as outras, o homem não está só no universo. Quando o arco-íris das culturas humanas tiver terminado de se abismar no vazio aberto por nossa fúria; enquanto estivermos aqui e existir um mundo, esse arco ténue que nos liga ao inacessível permanecerá, mostrando o caminho contrário ao de nossa escravidão, e cuja contemplação proporciona ao homem, ainda que este não percorra, o único favor que ele possa merecer: suspender a marcha, conter o impulso que o obriga a tapar, uma após outra, as rachaduras abertas no muro da necessidade a concluir a sua obra ao mesmo tempo em que fecha sua prisão [...]. (LEVI-STRAUSS, 2009, p.390-392, passim)

As belíssimas reflexões de Lévi-Strauss (2009) dão conta de fechar brilhantemente este texto.

7. Referências:

ARAÚJO, João Eurípedes de. Entrevista e depoimentos concedidos ao autor. Uberaba, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A clara cor da noite escura**: escritos e imagens de mulheres e homens negros de Goiás e Minas Gerais. Participação: Altina Maria Gontijo. Lira Marques, Francisco van der Poel. Uberlândia: EDUFU; [Goiânia]: Ed. Da UCG, 2009.

_____. **Congos, Congadas e Reinados**: rituais de negros católicos. Uberlândia, EDUFU, 2000.

_____. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **ESTUDOS AVANÇADOS**_18 (52), CNPq, 2004.

_____. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. 1 ed. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2006.

_____. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 6 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. Rev. Técnica Cezar Mortari. São Paulo: UNESP, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 22 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Trad. Rosa Freire d’Aguiar – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA (PMU), Arquivo Público. Documentos diversos. Uberaba.

_____. Celebrações, rituais e festas de ternos de Congo, Moçambique e Vilões: Imagens e fotografias diversas. Uberaba. (diversas fotos).

_____. Documento e História: Revista do Arquivo Público de Uberaba. Nº 05. Uberaba: PMU, junho de 2000.

_____. Oficina de Afoxé. Nov./Fev. Uberaba: PMU, 2000.

_____. Documento e História: Revista do Arquivo Público de Uberaba. Nº 04. Uberaba: PMU, maio de 1999.

_____. Oficina de Congos e Moçambiques. Nov./Fev. Uberaba: PMU, 2000.